

**RESENHA. ANTROPOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES
E EDUCAÇÃO, UM ENSAIO HOLONÔMICO ,**
de J. C. de Paula Carvalho. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Maria Cecília Sanchez TEIXEIRA (*)

Este livro representa uma reflexão profunda e pioneira em torno da abordagem antropológica da educação e das organizações educativas numa perspectiva do paradigma holonômico e resulta, segundo o próprio autor, do desenvolvimento dos principais tópicos de programas que vem ministrando nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Educação e da Escola de Comunicação e Artes, ambas da USP.

Apresenta-se ainda como um estudo introdutório à antropologia das organizações, no qual o autor procura determinar seus pontos básicos e suas linhas de força. No entanto, é importante ressaltar, o que Paula Carvalho faz na Introdução, que o enfoque antropológico adotado diferencia-se dos comumente utilizados no estudo das organizações, não tanto por se preocupar com a dimensão do homem nas organizações mas, principalmente, porque propõe a análise destas a partir de um outro enfoque paradigmático: o paradigma holonômico. Nisto consiste o aspecto original de sua obra - a proposta de uma nova abordagem antropológica que abra outras perspectivas para o estudo das já tão desgastadas questões educacionais e organizacionais.

(*) Professora Doutora do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Na verdade, a questão paradigmática tem sido tratada pelo autor em outros trabalhos, particularmente em sua tese de doutorado, apresentada na FFLCH/USP, em 1985, intitulada: *Energia, símbolo e magia: uma contribuição à antropologia do imaginário*, na qual procura situar a sua abordagem nos quadros epistêmicos dos chamados "Projetos de Unidade da Ciência do Homem".

Partindo de uma concepção de homem enquanto neótono neguentropo e de educação entendida como prática simbólica basal, Paula Carvalho propõe uma nova "antropolítica" - no sentido moriniano de "política do homem" - que envolve mutações organizacionais e educativas em profundidade. Tomando como pressuposto as afirmações de Morin que "... é ao nível do paradigma que mudam a visão da realidade, a realidade da visão, o rosto da ação e que, em suma, muda a realidade", o autor discute com muita competência e em profundidade a questão paradigmática, a partir da qual introduz a questão organizacional.

Considerando o paradigma em seus aspectos gnoseológicos, ontológicos, lógicos, metodológicos e epistemológicos, mostra a polarização entre o "paradigma clássico", que remonta ao racionalismo e à "razão técnica", e o "paradigma holonômico", emergente a partir da crise epistemológica (sobretudo da física e das ciências "pontas de lança".)

Ressaltando a tendência do paradigma de parametrizar inconscientemente a cognição e a ação da comunidade científica, criando conseqüentemente um sistema de defesa e favorecendo a articulação entre saber e poder, Paula Carvalho procura mostrar a importância da questão paradigmática para a crítica do fenômeno organizacional e da tecnoburocracia. Nesse sentido, situa os enfoques utilizados nos estudos antropológicos das organizações no "paradigma clássico" e lança as pistas para a constituição do que chama "antropologia profunda" das organizações, fundamentando-a no "paradigma holonômico" que, em razão dos seus traços - ontologia pluralista, epistemo-

logia interativa, metodologia fenomenológica/analógica, lógica contraditória, razão aberta - permite o tratamento do fenômeno organizacional em toda a sua complexidade, pluralidade e heterogeneidade.

Nessa perspectiva, a reflexão empreendida neste trabalho sobre a prática teórica organizacional procura: a) evidenciar a dimensão simbólica do discurso e da ação organizacionais; b) repensar a escola-organização no âmbito das práticas simbólicas e educativas articuladas com o imaginário sócio-cultural e organizacional; c) possibilitar a elaboração de uma praxeologia socialanalítica profunda e de uma praxiatria das instituições, especificamente da instituição-escola.

Concebendo, com Durand, o imaginário como o universo das imagens simbólicas, isto é, como o "universo bio-antroposocial dos ritos e dos mitos que organizam a socialidade", Paula Carvalho destaca a importância da função simbólica do imaginário na constituição da práxis. Aliás, a questão da mediação simbólica e das funções do imaginário constituem a espinha dorsal da sua obra. É a partir delas que elabora a sua abordagem antropológica.

É importante lembrar, ainda, que os dois pilares nos quais se sustenta a sua proposta são a Antropologia do Imaginário de G. Durand e a Antropologia da Complexidade, de E. Morin, tratados nesta obra. Como privilegia a questão organizacional, enfoca, em Durand, as funções do imaginário sócio-organizacional e, em Morin, as organizacionalidades complexificantes. Em ambos evidencia, como traço comum, a função organizatória da dimensão simbólica enquanto elemento de sutura entre Natureza/Cultura.

Entendendo a cultura como "mediação simbólica" de alta complexidade, o autor faz uma reflexão sobre a utilização da culturálise nos estudos das organizações e aponta, apoiando-se em Duvignaud, as possibilidades abertas por uma sócio-morfologia do imaginário - entendida como o estudo do imagi-

nário sócio-cultural ou das práticas simbólicas organizadoras do real - para os estudos da educação.

Adotando a concepção de F. Crespi de mediação simbólica enquanto função basal de constituição da ordem social, Paula Carvalho introduz, a partir dela, a questão da alteridade, preocupação que permeia toda a sua postura antropológica. Aliás, a grande lição desta nova abordagem antropológica é a consideração da diversidade cultural e o respeito pelo "outro", que se contrapõem ao "etnocentrismo pedagógico" presente na maioria dos estudos sobre os problemas educacionais.

Dessa postura, Paula Carvalho tira algumas lições "antropolíticas", entre as quais destaco a necessidade de definição da problemática etnocêntrica, evidenciando-lhe a presença na problemática educativo-organizacional sob a forma de compulsivas práticas de aculturação. A partir daí, é importante apontar o engendramento sócio-psico-organizacional do "furor pedagógico" e da compulsão a administrar "racionalmente" a educação por sob o que o autor chama de racionalizações secundarizantes da ação educacional "humanitária". Esta questão é tratada de modo contundente e corajoso, quando denuncia o "furor pedagógico-gestionário" das construções e das análises que têm sido feitas sobre a escola a partir do paradigma clássico e que, no dizer do autor, "... só operam no sentido de renderem 'discursos sobre' ... e 'comissões para'... enquanto apesar de ... a vida continua a correr e o tempo que se esvai ... Quanta 'vida desvvida'!" (p.160)

Segundo Paula Carvalho, o problema da relação entre o pedagógico e o burocrático está mal posto nessas análises. Para ele, todos os problemas que emergem dessa raiz não questionada - o paradigma clássico - são falsos problemas, na medida em que são induzidos por falsificação da consciência, apresentando-se como "científicos", quando na realidade são ideológicos.

Daí a necessidade de se colocar a dimensão simbólica como mediadora da formulação da problemática pedagógico-

administrativa, desconhecida ou desconsiderada tanto nas análises teóricas, como nas práticas administrativas. Com relação a estas, critica o que chama de positivismo gestor, que se apresenta sob a forma do mito da objetividade científica, negando e ignorando a mediação simbólica presente no universo das organizações e já evidenciada em trabalhos de estudiosos da organização como Déroche, Pagès e Stourdézé entre outros.

Nesse sentido, este é um trabalho pioneiro de um autor que tem a sensibilidade e a coragem para trilhar caminhos ainda inexplorados nos domínios do conhecimento e a preocupação de trazer para a reflexão sobre a educação as contribuições de diferentes áreas do conhecimento numa perspectiva transdisciplinar. É um texto denso, profundo, onde cada parágrafo pode nos abrir inúmeras perspectivas para o estudo das organizações educativas. Embora a sua leitura não seja fácil, é um desafio a todo educador preocupado com a busca de novas maneiras de se "fazer educação e de organizar a escola."

(Recebido para publicação em 14.02.91 e liberado em 12.03.91).